

EDITORIAL

Entre tentativas de silenciamento e ativismo: o lugar do Gênero nas Ciências, Educação e Cultura

É com alegria que anunciamos o primeiro número de 2026 dos **Cadernos de Gênero e Diversidade** que, em sua composição, reflete a diversidade territorial regional/internacional e (inter) disciplinar do campo de estudos feministas e de gênero no Brasil.

Findamos 2025 com um número recorde de avaliações/publicações avaliadas por mais de uma centena de **pareceristas** especialistas nas áreas do Gênero e Sexualidades de universidades de todo o Brasil e do exterior. E graças a este intenso trabalho, conseguimos manter a classificação **A3 do Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) na avaliação quadrienal (2020-2024)** divulgada no início de 2026.

A manutenção desta posição no *ranking* das revistas da área Interdisciplinar confirma a potência das redes acadêmicas que mobilizamos. Nossa revisão por pares muito especializados assegura o rigor necessário deste fazer científico interdisciplinar e coletivo. Graduanda/os/es, mestres e doutoras/es têm aqui espaço de troca acadêmica em espaço idealizado e construído por Felipe Bruno Martins Fernandes, do Grupo de Estudos Feministas em Política e Educação (GIRA) da Universidade Federal da Bahia (UFBA), assumido em 2024 pela Rede de pesquisadoras associadas ao Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Também é com alegria que compartilhamos a homenagem recebida pela professora **Miriam Pillar Grossi** (atual coordenadora do Comitê Editorial dos **Cadernos de Gênero e Diversidade**), em dezembro de 2025, com o título de Professora Emérita em cerimônia do Conselho Universitário (CUn) em reconhecimento à uma jornada de 36 anos dedicados na à UFSC.

Neste início de 2026, durante o recesso acadêmico brasileiro de verão, o Comitê Editorial decidiu manter o fluxo contínuo de recebimento de submissões e manteve ativo o fluxo editorial, com um grande número de

manuscritos recebidos. Também neste período, Juliana Cavilha, com apoio de Guilherme Ceolin e Amanda Menin, bolsistas de Iniciação Científica vinculados ao NIGS UFSC, trabalharam na indexação de plataformas científicas nacionais e internacionais, garantindo a acessibilidade e reconhecimento internacional da revista.

Este primeiro número de 2026, que contou com apoio editorial de Izabela Liz Schlindwein às sessões de artigos, entrevista e resenhas e de Carolina Bergmann ao dossiê, está dedicado à três grandes eixos temáticos: **Mídia e Artes / Educação / Ciências.**

A seção **Artigos** apresenta textos que abordam os dois primeiros eixos temáticos.

A primeira seção traz textos sobre **Gênero, Mídia e Artes**. Ela se inicia com o artigo **Notas sobre solidões queer através do filme Todos Nós Desconhecidos**, de John Jamerson da Silva Brito, da Universidade Federal de Juiz de Fora, que problematiza as solidões *queer* a partir do filme “**Todos Nós Desconhecidos**” (“All of Us Strangers”, Andrew Haigh, 2023). Com base na análise do discurso de inspiração foucaultiana e no diálogo com Nietzsche e os estudos *queer*, o autor compreende a solidão não como ausência relacional, mas como modo de produção de subjetividades atravessadas pela sexualidade. A pesquisa demonstra que o filme constrói a solidão como experiência constitutiva da existência LGBTQIAPN+, tensionando a norma social da completude afetiva e da busca compulsória por parcerias. Como resultado, o estudo propõe compreender a solidão como espaço de cuidado de si, reflexão e resistência, ampliando os repertórios de compreensão das vivências dissidentes para além das narrativas de sofrimento ou falta.

Essa reflexão sobre subjetividade e afeto encontra ressonância na análise de Erick Santos da Silva e Samuel Conselheiro Germano do Nascimento, da Universidade Federal de Alagoas, sobre a obra musical de Rico Dalasam. Ao examinarem o **EP “Fim das Tentativas” (2022)**, os autoras articulam estética, política e afetividade para compreender como homens negros gays reinscrevem suas existências em um contexto marcado por racismo e heteronormatividade. A poética da vulnerabilidade e as dissidências afetivas de homens negros gays em Rico Dalasam introduz o conceito de “necropolítica afetiva” para evidenciar como estruturas sociais regulam o acesso ao cuidado, ao desejo e à legitimidade emocional. Como

resultado, demonstra-se que a poética da vulnerabilidade de **Dalasan** rompe estereótipos, produz novos imaginários de pertencimento e propõe formas de vida que desafiam a solidão imposta e o fetichismo racializado, abrindo caminhos para futuras investigações sobre estética e dissidências afetivas.

Na continuidade das representações midiáticas, Nathan Silva Pereira e Luis Gustavo da Conceição Galego, da Universidade Federal do Triângulo Mineiro, analisam a série **“Heartstopper”** (Alice Oseman, 2022) como dispositivo semiótico e pedagógico para a educação sexual. Ancorados na semiótica peirceana, os autores examinam cenas que tematizam afeto *queer*, autoconhecimento, homofobia e redes de apoio, estruturando os resultados em quatro eixos analíticos que articulam estética, narrativa e implicações educativas. **Semiótica do afeto *Queer*: signos, representatividade e educação para a sexualidade em *Heartstopper*** evidencia que a série constrói um regime simbólico de delicadeza e cuidado que rompe com narrativas trágicas sobre homossexualidade, oferecendo repertórios positivos de reconhecimento afetivo. Como contribuição central, as/es pesquisadoras/es defendem sua incorporação como artefato curricular, alinhado a documentos normativos e aos direitos humanos, fortalecendo práticas de letramento midiático e educação sexual crítica nas escolas.

No segundo eixo, sobre o tema **Educação**, o artigo de Marllon Caceres Gonçalves e Josiane Peres Gonçalves, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, investiga os modos pelos quais gênero e sexualidade são silenciados — ou apenas superficialmente problematizados — na formação inicial docente. A partir de entrevistas analisadas pela metodologia de análise de conteúdo inspirada em Laurence Bardin, as/es autoras/es evidenciam no artigo **Gênero e Sexualidade: entre ecos do silêncio e o debate em espaço escolar** como discursos universitários reproduzem ocultações que se estendem ao cotidiano escolar, reforçando discriminações e apagamentos. O estudo demonstra que, embora a transversalidade de gênero e sexualidade seja prevista nos marcos educacionais, sua efetivação permanece fragilizada por abordagens episódicas e despolitizadas. Ao tensionar esses silêncios formativos, o artigo aponta que a ausência de discussões consistentes sobre gênero e sexualidade compromete a capacidade pedagógica de enfrentar violências simbólicas no ambiente escolar. Como resultado, os pesquisadores defendem a incorporação estruturante dessas temáticas nos currículos de

licenciatura, não como conteúdos acessórios, mas como dimensões constitutivas da prática educativa, capazes de produzir reconhecimento, equidade e enfrentamento das desigualdades.

Essa problemática da exclusão ganha novos contornos no trabalho de Deivid Leôncio Gomes da Costa e Vivianne Oliveira Gomes, da Universidade Federal de Jataí, ao analisarem as aulas de Educação Física, da educação básica ao ensino superior. No artigo **Vivências LGBTQIA+ na Educação Física: da educação básica ao ensino superior**, por meio de entrevistas semiestruturadas com 24 estudantes e análise temática fundamentada em Braun e Clarke, o estudo revela como a heteronormatividade estrutura práticas corporais generificadas, institucionaliza a homofobia e mantém padrões de discriminação mesmo nos espaços universitários. Os resultados demonstram que a Educação Física opera como um dos territórios mais resistentes à diversidade de gênero e sexualidade, produzindo exclusões sistemáticas que afetam a permanência e o bem-estar. As/es autoras/es concluem constatando a urgência de reformulações curriculares, formação docente crítica e políticas institucionais que possam romper com lógicas normativas, promovendo ambientes educativos verdadeiramente democráticos e inclusivos.

No artigo **Feminização do magistério e masculinização do poder: desigualdades de gênero em uma escola pública paulista (1949-1996)**, Natália Cristina Oliveira e Mariana Marques Valentim, da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, analisam as dinâmicas de gênero em uma instituição escolar de Dracena (SP) ao longo de quase cinco décadas. A partir de documentos administrativos, atas e registros institucionais, as autoras evidenciam a consolidação histórica da presença feminina na docência, associada a uma divisão sexual do trabalho que destinou às mulheres funções centrais no cotidiano escolar, enquanto os espaços de poder e gestão permaneceram majoritariamente masculinizados. O estudo demonstra como concepções culturais sobre profissionalidade, organização do trabalho e papéis de gênero influenciaram a estrutura interna da escola. Ao valorizar as trajetórias das professoras e problematizar os mecanismos institucionais de hierarquização, o artigo contribui para compreender a complexidade das relações de gênero na educação básica e aponta para a necessidade de políticas formativas e de gestão comprometidas com a equidade e a inclusão.

No trabalho **Vozes que libertam, corpos que resistem: gênero**

e liderança estudantil como práxis política na Educação Profissional e Tecnológica, Adriano Ferreira de Melo e José Washington de Moraes Medeiros, do Instituto Federal da Paraíba, investigam como gênero, poder e participação política se articulam nas experiências de lideranças estudantis do IFPB. Acorados no materialismo histórico-dialético e em Paulo Freire, Demerval Saviani, Pierre Bourdieu, Nancy Fraser e Judith Butler, os pesquisadores analisam narrativas e questionários de estudantes de diferentes campi para compreender os limites e potencialidades da representação discente como espaço de emancipação. Os resultados da pesquisa revelam que, embora grêmios e coletivos estudantis funcionem como territórios de resistência e formação política, persistem desigualdades de gênero, raça e classe que afetam o reconhecimento e a legitimidade das lideranças subalternizadas. O artigo propõe que as juventudes da EPT sejam sujeitas de políticas de transformação social e defende uma formação omnilateral comprometida com a democratização radical da escola pública, na qual as lutas de gênero sejam centrais na construção de práticas educativas emancipatórias.

Por fim, na seção de artigos, trazemos o estudo de Robson Quinello e Ana Luiza Consolino Alexandrino Ortiz, do Senai Vila Mariana-SP, que analisa o fenômeno do teto de vidro nas carreiras femininas em Facility Management. Com base em entrevistas e análise estatística via RStudio, o autor e a autora identificam a existência de uma “women tax”, caracterizada pelo imperativo de desempenho superior exigido das mulheres para superar barreiras invisíveis nas organizações. O artigo **“Women tax”: o impacto do fenômeno “teto de vidro” nas carreiras das profissionais de Facility Management no Brasil** revela que a progressão profissional feminina é marcada por sobrecargas constantes e exigências desproporcionais, evidenciando como desigualdades de gênero operam de forma velada no mercado de trabalho brasileiro. O estudo contribui para ampliar o debate sobre carreira, reconhecimento e justiça organizacional em setores historicamente pouco explorados pela literatura de gênero e dialoga com o conceito “teto de vidro” caro aos estudos sobre gênero e ciências que são abordados no dossiê deste número.

A Entrevista deste número está articulada com o **Dossiê Gênero e Ciências**, trazendo a trajetória de uma das sociólogas pioneiras no estudo da internet no Brasil, a professora Tamara Benakouche da Universidade Federal de Santa Catarina. Conduzida por Miriam Pillar Grossi, Carmen Heisecke, Suzana Vergara e Evelin Lima, a entrevista recupera sua trajetória nos estudos sociais da ciência e da tecnologia no Brasil. Ao

revisitar sua formação, atuação docente e pesquisas desde a década de 1980, Benakouche evidencia os desafios da consolidação de um campo interdisciplinar no país e problematiza o determinismo técnico. Realizada no quadro do projeto “Outros Olhares” do NIGS/UFSC, a conversa articula memória acadêmica, crítica institucional e reflexão sobre riscos tecnológicos e produção científica. O depoimento constitui, assim, um documento histórico e analítico que reafirma a centralidade das abordagens críticas para compreender ciência, tecnologia e sociedade sob a perspectiva de gênero.

O Dossiê Gênero e Ciências, organizado por Miriam Pillar Grossi e Carolina Bergmann, inicia-se com o trabalho de Maria Eduarda Lisboa Santos, Aline Lima de Oliveira Nepomuceno, Viviane Almeida Rezende e Erika Milenna Barbosa Santos, da Universidade Federal de Sergipe, que investigam as trajetórias de mulheres cientistas nas Ciências Naturais por meio de narrativas orais. A pesquisa revela como os percursos acadêmicos são atravessados por valores masculinizados que dificultam a inserção, permanência e reconhecimento das mulheres no campo científico. **Memórias de mulheres: trajetórias e protagonismos na/para a produção científica na Universidade Federal de Sergipe** evidencia desigualdades estruturais, invisibilizações e sobrecargas que marcam as carreiras das docentes entrevistadas, reafirmando que a ciência não é um espaço neutro de produção de conhecimento. Como conclusão o estudo traz como proposta a implantação de políticas institucionais e investigações contínuas para que se possa enfrentar as barreiras de gênero no ambiente universitário.

Em diálogo com essa dimensão histórica, Camila Cunha, da Universidade Federal da Bahia, e Carolina Queiroz Santana, da Universidade Federal do Recôncavo Baiano, propõem uma reflexão teórica sobre a inserção da história das **mulheres na ciência no ensino da Natureza das Ciências (NdC)**. A partir da abordagem da “Semelhança de Família”, as autoras articulam categorias do sistema sócio-institucional para evidenciar como relações de poder, financiamento e organização científica são atravessadas por desigualdades de gênero. **História das mulheres na ciência e aspectos da natureza das ciências: possibilidades para educação científica** demonstra que casos históricos envolvendo mulheres cientistas permitem compreender a ciência como empreendimento socialmente situado e estruturalmente sexista. Como contribuição pedagógica, defendem que o ensino da NdC incorpore

essas narrativas para formar estudantes críticas/os/es, capazes de reconhecer as influências sociais na produção do conhecimento científico.

Na interface entre Ciência e Ativismo, Iasmin Ribeiro Diniz e Mônica Carvalho Alves Cappelle, da Universidade Federal de Lavras, analisam a criação e atuação do movimento *Parent in Science*. A partir da teoria dos novos movimentos sociais, entrevistas com fundadoras e análise documental, as autoras demonstram como o coletivo construiu identidade política em torno das experiências de maternidade na carreira científica. **Ciência, Gênero e Movimentos Sociais: a atuação do *Parent in Science*** evidencia impactos concretos, como a inclusão da licença-maternidade no Currículo Lattes e a visibilização das desigualdades enfrentadas por mães pesquisadoras. Como resultado, argumentam que o movimento tem um papel central na transformação institucional da academia brasileira, promovendo maior equidade de gênero e reconhecimento das dimensões reprodutivas da vida científica.

As violências estruturais no meio universitário são abordadas por Márcia Moreira Neves, da Universidad Internacional Iberoamericana, e Laura Triviño-Cabrera, da Universidad de Málaga, ao investigarem percepções de professoras sobre discriminação e efeito tesoura no Estado do Rio de Janeiro. Por meio de pesquisa quantitativa com 243 docentes, o estudo revela altos índices de violência psicológica, majoritariamente perpetrada por homens em cargos de chefia. O artigo **Percepções de professoras sobre violência, discriminação e efeito tesoura nas universidades brasileiras: o caso do Estado do Rio de Janeiro**, demonstra que as desigualdades se intensificam ao longo da carreira acadêmica, afetando especialmente mulheres racializadas, com deficiência e mais velhas. Como conclusão propositiva, as autoras defendem a implementação urgente de mecanismos institucionais de prevenção, denúncia e enfrentamento do assédio, como condição para a democratização do espaço universitário.

Fabília Vieira, Maria Mariana Oliveira Nunes, Daniel Pereira Silva, Denise Santos Ruzene e Isabelly Pereira Silva, da Universidade Federal de Sergipe, analisam criticamente as chamadas públicas de fomento à pesquisa das principais agências brasileiras, o CNPq e a Capes, a partir da perspectiva da equidade de gênero. A autoria parte do problema da sub-representação de mulheres nas áreas de ciência, tecnologia, engenharia e matemática (STEM), compreendendo o fomento como instrumento estratégico para redução de desigualdades históricas no acesso à produção

científica. Os dados apresentados no artigo **Gender and funding opportunities in research: an analysis of the main Brazilian agencies** indicam que o CNPq apresente editais mais expressivos voltados à formação, permanência e ascensão de mulheres nas ciências exatas e tecnológicas, e a Capes mantém iniciativas pontuais, sobretudo na forma de premiações, sem políticas contínuas de indução. A pesquisa também evidencia lacunas na frequência, abrangência e divulgação dessas chamadas públicas, o que compromete o alcance de seus objetivos de equidade. O grupo de autoras/es defende, assim, que é importante o fortalecimento de políticas estruturadas de fomento, com maior transparência e ampliação de mecanismos de acesso, como condição para transformar o cenário de desigualdade de gênero na ciência brasileira.

Neste mesmo sentido, o artigo de Carolina Giordano Bergmann, **Entre o Hard e o Soft: Disparidades de gênero na concessão de bolsas de produtividade do CNPq** analisa as desigualdades de gênero na ciência brasileira, com foco na distribuição de bolsas de Produtividade em Pesquisa (PQ) do CNPq entre 2021 e 2023. Também partindo da perspectiva proposta por Donna Haraway dos “saberes localizados”, o texto discute como a ciência hegemônica, historicamente ocupada por homens brancos, estabeleceu critérios de “neutralidade” e “objetividade” que marginalizam perspectivas femininas. Contribuindo com exemplos do campo científico que dos conceitos de *Efeito Matilda*, *labirinto de cristal*, *o teto de vidro* e *o efeito tesoura*, o artigo demonstra que a participação das mulheres no campo científico brasileiro diminui conforme se avança para os níveis mais altos da carreira científica. Os dados do CNPq revelam que homens são os principais destinatários das bolsas de maior prestígio (PQ-1A), enquanto as mulheres enfrentam uma exclusão severa nesses níveis. Por fim, o artigo trabalho defende que é fundamental uma maior presença de mulheres, e entre elas negras e indígenas como alternativa para o desenvolvimento de uma ciência mais ética, plural e engajada com as demandas do século 21.

Finaliza este dossiê o artigo **Mulheres na Ciência: feminismo e questões de gênero** Valeska Curtinhas Prates, Luiz Gonzaga Roversi Genovese, Gyselle Nascente de Oliveira e Cinthia Letícia de Carvalho Roversi Genovese que investiga, a partir da perspectiva feminista, alguns dos desafios enfrentados pelas mulheres para sua inserção e permanência no campo científico. A partir de produções acadêmicas disponíveis no catálogo de teses e dissertações da Capes, a autoria analisou, por meio do software Iramuteq, três questões chaves sobre a inserção das mulheres no

campo científico: 1. representações das mulheres na ciência. 2. interseccionalidades no campo científico e 3. como se dão os enfrentamentos de gênero neste campo. Concluem que, embora haja avanços na participação feminina no meio acadêmico, ainda é necessário fortalecer o debate sobre a presença de mulheres no ensino de Ciências e fomentar pesquisas que contribuam para a compreensão e transformação das desigualdades de gênero presentes na produção científica.

Dando continuidade ao tema de **Gênero e Ciências**, na seção **Iniciação Científica**, trazemos a contribuição de Priscilla Gusmão Pinto Pereira da Universidade Federal de Santa Catarina no artigo **Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação: Comparando os editais CNPq/MCTIC Nº 31/2018 e 18/2013 MCTI/CNPq/SPM-PR/Petrobras**, resultado da pesquisa PIBIC/CNPq, sob orientação da professora Miriam Pillar Grossi no quadro do projeto “Etnografia das Políticas Públicas de Gênero e Diversidades no Campo da Ciência e Tecnologia”, que visou entender uma política pública de gênero e ciências desenvolvida pelo CNPq: as chamadas CNPq/MCTIC No 31/2018 - Meninas nas Ciências Exatas, Engenharias e Computação e 18/2013 MCTI/CNPq/SPM-PR/Petrobras - Meninas e Jovens Fazendo Ciências Exatas, Engenharias e Computação. Os dois editais são analisados em cinco pontos: a) seus objetivos gerais e específicos; b) recursos financeiros disponibilizados; c) critérios de julgamento; d) o que se espera dos projetos inscritos; e) ações afirmativas; d) resultados dos editais. A pesquisa identificou como os elementos que compõem um edital são importantes para a construção e fortalecimento de um determinado campo acadêmico e como, no caso dos editais analisados, houve reconhecimento de ações lideradas por e voltadas para mulheres cientistas no campo das Exatas, Engenharias e Computação por pesquisadoras de todas as regiões do Brasil com forte impacto nas carreiras de cientistas destas áreas tradicionalmente consideradas “masculinas”.

Por fim, as duas **resenhas** deste número abordam temáticas caras aos Cadernos de Gênero e Diversidade. A primeira, de Claudia Cristine Moro e Lígia Antunes Siqueira, da Universidade Federal de Santa Catarina, dialoga com os artigos da seção sobre **Educação**, destaca a contribuição teórica e metodológica do livro **Sexualidades, Juventude e Representações Docentes: uma etnografia em escolas públicas de Santa Catarina**, organizado por Miriam Pillar Grossi, Fernanda Cardozo e Felipe Bruno Martins e publicado pelas Editoras Copiart e Tribo da Ilha, para estudos de gênero e diversidade em escolas. Com dados de pesquisas

realizadas entre 2007 a 2009 em escolas de Santa Catarina, a respeito das representações de professoras e professores sobre as sexualidades de jovens estudantes, as resenhistas sublinham as ricas descrições e análises do espaço escolar, mostrando o quanto elas podem servir como subsídios para novas pesquisas sobre a temática, em um novo momento político, onde as questões de gênero e sexualidade são perseguidas e criminalizadas no Estado de Santa Catarina.

A segunda resenha, de Lucas Luiz Rocha Ferreira da Silva, da Universidade Federal de Pernambuco, analisa a obra **Violência e Saúde na Vida de Pessoas LGBTI**, de Mário Carvalho e Moisés Menezes (FioCruz, 2021). Nesta **Resenha**, o autor problematiza como as múltiplas formas de violência — físicas, simbólicas e institucionais — atravessam os processos de saúde-doença das pessoas LGBTI, destacando os obstáculos enfrentados no acesso aos serviços de saúde e as responsabilidades do Sistema Único de Saúde na construção de políticas de cuidado integrais e livres de discriminação. A análise evidencia que a heterossexualidade e a cisgeneridade compulsórias, institucionalizadas nas práticas jurídicas e biomédicas, operam como dispositivos reguladores dos corpos e das existências dissidentes, produzindo exclusões e adoecimentos. Ao dialogar com contribuições teóricas como as de Judith Butler, o artigo ressalta como normas cisheteronormativas moldam intervenções violentas, especialmente no caso de pessoas intersexo submetidas a procedimentos cirúrgicos compulsórios desde a infância. Desse modo, o texto demonstra que a promoção da saúde para populações LGBTI passa, necessariamente, pelo enfrentamento das estruturas de poder que naturalizam violências e negam o direito à autonomia corporal e ao cuidado humanizado.

Finalizando, agradecemos mais uma vez a colaboração incansável da equipe editorial, do apoio do CNPq através de bolsas de apoio à edição e às/aos pareceristas *ad hoc* que têm contribuído com seu tempo e *expertise* para a excelência acadêmica dos **Cadernos de Gênero e Diversidade**. Desejamos que este número seja amplamente divulgado, lido e utilizado em disciplinas e como referência de pesquisas em curso no campo de **Gênero, Ciências, Educação e Cultura**, que são o objeto deste número.

Boa leitura!



**Miriam Pillar Grossi e Izabela Liz Schlindwein - Coordenação
editorial deste número
Carolina Giordano Bergmann
Juliana Cavilha
Priscilla Gusmão**

